



Água e farinha no ar: uma experiência interdisciplinar nas batidas da samaúma em Tefé/AM.

Raimundo Medeiros de Sousa¹
Guilherme Gitahy de Figueiredo²

Resumo

O movimento de Rádio Livre nasceu na Europa por volta dos anos de 1968, um movimento reivindicador da comunicação livre para todos por meio das ondas do rádio, uma luz que ascendeu nos grupos marginalizados, que revelou suas dores, suas demandas, seus clamores, uma onda que perpassou suas autonomias individuais e coletivas. Esse movimento chegou a Tefé em meados dos anos de 2004 por meio do coletivo Curupira, o que posteriormente originou a Rádio Xibé. A Xibé foi criada por acadêmicos e docentes do Centro de Estudos Superiores de Tefé, segundo Figueiredo (2015, p. 19), ela “foi ao ar pela primeira vez dia 27 de outubro de 2006” e manteve uma programação sistemática até 2010, ano da grande repressão do Estado. A Xibé reuniu em seu entorno diversas pessoas e movimentos sociais em uma programação criativa, alternativa e subversiva. Esse trabalho é uma etnografia que revela, por meio da história oral, o aspecto interdisciplinar da construção do programa *Nas Batidas da Samaúma*, produzido por estudantes secundaristas, moradores do bairro do Abial. Apoiando-se na literatura sobre a teoria do rádio apresentada em Machado (1986) e a tese sobre a rádio Xibé de Figueiredo (2015), além da visão holística e interdisciplinar de Morin (2003), Capra (1996), Rancière (2015), Santos (2004) e Thiesen (2008).

Palavras-chave: Rádio; Rádio Livre; Xibé; Interdisciplinaridade

Introdução

O Movimento de Rádio Livre surgiu como um espaço de luta e resistência dos movimentos sociais. A “rádio livre” é aquela que não tem fins lucrativos e disponibiliza seu espaço a todo cidadão que deseja dela fazer parte, ele se caracteriza ainda pelo fato de que seus membros valorizarem a participação de “amadores” no ramo, eles buscam garantir a participação daquele que se interesse, em especial das pessoas de classes menos favorecidas.

¹ Mestrando do Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA).

² Doutor pelo Museu Nacional (UFRJ), docente do Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA).

Esse movimento se surge na Itália no início dos anos 70 e chega a Tefé em meados de 2006 pela rádio Xibé. A Xibé é criada por acadêmicos e docentes do Centro de Estudos Superiores de Tefé, segundo Figueiredo (2015, p. 19) “foi ao ar pela primeira vez dia 27 de outubro de 2006” e manteve uma programação sistemática até 2010, hoje ela é uma rádio itinerante. A rádio Xibé reúne diversos grupos e movimentos, entre eles um grupo de estudantes da Escola Estadual Getúlio Vargas, do bairro do Abial em Tefé/AM, distante cerca de 520 km de Manaus, capital do Estado. Esses jovens estudantes transmitiram pelas ondas da Rádio Xibé, o programa *Nas Batidas da Samaúma*, um espaço de “bricolagem” (falarei mais sobre isso no terceiro momento desse artigo), discussão e reflexão interdisciplinar, que iniciou na escola chegou posteriormente nos diversos rádios receptores da cidade.

A Interdisciplinaridade na busca de uma visão holística da realidade.

Para Capra (1995), a complexidade da vida terrena, é um processo e as interrelações entre os diversos fatores que a sustenta ultrapassam os limites da visão simplista de mundo, e se estendendo aos fenômenos do Universo, da dimensão mística e transcendental, uma teia de vida tecida por muitos fatores, onde tudo está relacionado, essa percepção o autor chama de ecologia profunda.

A ecologia profunda visa perceber uma participação maior que a funcional de cada indivíduo do sistema do Universo, busca investigar as ações antes e depois de sua existência, os impactos desses fatos nos diferentes elementos exteriores a ele. Dessa forma evidencia-se que tudo está relacionado, inclusive os problemas e soluções desse sistema, as quais devem ser pensadas de forma global sem esquecer os aspectos locais, e como esses se relacionam com sistema global.

Assim, quanto mais se estuda os problemas relacionados à existência e sobrevivência da vida no planeta, mais se percebe que eles não podem ser vistos isoladamente, pois esses problemas se relacionam intensamente, e precisam ser enxergados de diferentes pontos de vistas, sem perder de vista os elementos que os une, sem isso, o que há uma crise de percepção.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



E, com uma crise de percepção, não se encontra as soluções mais simples para problemas do cotidiano, pois as respostas para os problemas da humanidade requerem uma mudança de princípios e de valores na articulação de informações. É necessário redefinir os valores essenciais que sustentam a vida nessas complexas teias de relações interdependentes, mas essa concepção de mudança não é vista na postura da maioria dos governos, por exemplo.

Para os governos, líderes mundiais, restam a eles críticas firmes, pois para Capra (1995) eles não percebem a interrelação entre os problemas locais e globais, isso determina até graves consequências às gerações posteriores, para ele uma sociedade que administra bem os recursos, satisfaz as suas necessidades de sobrevivência, mas também das futuras gerações. Assim, pensar de forma local, sem detrimento ao pensar global é reconhecer que os elementos presentes no Universo fazem parte de uma “teia da vida”, uma íntima relação de dependência entre os diversos conjuntos, e que as respostas aos problemas da existência encontra-se no complemento de todo o resto.

O que Morin (2003, p. 21) chama de “uma cabeça bem feita”, não é aquela que dispõem de muito conhecimento, ao invés de só acumular conhecimentos ela parte do princípio de seleção e organização que lhe proporciona sentido. Então, uma “cabeça bem feita” tem aptidão e vontade de colocar e tratar problemas, e acima de tudo, levando em consideração os princípios de organização que permitem estabelecer as conexões entre os saberes. Nessa dinâmica de construção do conhecimento, quatro fatores se tornam indispensáveis, a separação e ligação, análise e síntese. No entanto, no desenvolvimento da ciência e suas divisões disciplinares, destaca-se a separa e a análise, deixando em evidencia a necessidade de uma maior ligação e síntese. Assim, as diversas especializações da ciência, acabam isolando seus estudos e fazem grandes análises, mas não conseguem estabelecer as conexões existentes com o todo.

Então, para poder compreender minimamente os processos que se estabelece entre os diversos fatores que determinam um problema, uma “cabeça bem feita”, segundo Morin (2003), deve fundar-se nos princípios de especificidade, e sobre tudo, não deixar de perceber as relações que se formam ao seu redor. Dessa forma, os problemas locais carregam em si fatores do seu exterior. Para uma “cabeça bem feita”,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



se faz necessário um novo espírito científico, capaz de reagrupar de forma dinâmica os conhecimento e suas relações.

Sendo assim, não se pode pensar na vida e sua complexidade de forma isolada, nesse sentido, Thiesen (2008) ressalta que o pensamento sobre interdisciplinaridade surge na segunda metade do século passado principalmente no que se chamam de ciências sociais, buscando romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes, desde então, tem sido tratada em duas grandes vertentes: a epistemológica e a pedagógica. Em uma visão epistemológica ela busca estudar o conhecimento no que tange sua produção, reconstrução e socialização, os paradigmas da ciência, seu método como mediador entre o sujeito e a realidade, já na vertente pedagógica, ela trata das questões do currículo e do processo ensino-aprendizagem nas escolas.

Para isso, faz-se necessário segundo Thiesen (2008), um pensamento abrangente e multidimensional, capaz de observar a vida em sua complexidade e poder construir conhecimentos sobre ela considerando essa complexidade, visando então, superar a tentativa de fragmentar os processos e conexões geradas na vida, além de socializar os conhecimentos, já na escola deve articular a organização do currículo e ser elemento orientador na formação dos profissionais da educação.

Ao combater a fragmentação do conhecimento, a interdisciplinaridade não sugere o fim da especialização, mas o que se busque é transcender as fronteiras estabelecidas entre as diversas ciências, e assim poder superar os limites que encontramos na produção do conhecimento e nos processos pedagógicos, já para o plano epistemológico, busca construir novas relações entre sujeito/objeto, em uma percepção mais complexa das relações e conexões conceituais das disciplinas.

Dessa forma, a interdisciplinaridade vem resgatar os princípios que possibilitaram o surgimento dos primeiros passos da ciência, uma visão integrada das relações das partes com o todo. E a escola como lugar de produção e reconstrução de conhecimento, deve se constituir como um lugar de vivência e não de preparação para a vida e suas complexas conexões.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



É necessário, portanto se criar espaços que discuta a vida em sua complexidade, integrando os vários aspectos a rela relacionado, que permita a todo cidadão uma participação efetiva e eficaz na discussão, pois mesmo que a escola seja considerada por muitos como um espaço onde se pode fazer essa discussão interdisciplinar, ela é marcada fortemente por aquilo que Santos (2004, p. 48) chama de “Paradigma Dominante” em Um Discurso sobre as Ciências.

O “Paradigma Dominante” nega a racionalidade das diversas formas de conhecer, como por exemplo, o senso comum dos diversos grupos socioculturais e caracteriza-se pelo uso do método científico na busca do conhecimento, usando a matemática como base para a comprovação de suas ideias, busca quantificar e excluir os aspectos qualitativos. Dessa forma, a escola pautada nas disciplinas, na especificidade das ciências, como Matemática, Física, Biologia, Línguas etc., além do fato de que as aulas são divididas em tempo para cada disciplina com carga horária pré-estabelecida pelos Sistemas de Educação e conteúdos específicos para cada uma, avaliações determinadas, e conteúdos mínimos estabelecidos para exames internos, externos, como vestibulares e concursos.

Com isso os professores são envolvidos em um sistema que leva a individualidade e especialização das observações dos fenômenos que dizem respeito à vida. A escola tem o que comumente se chama de “grade curricular” que aprisiona professores e estudantes nas “caixinhas” das disciplinas, impedindo o olhar da complexidade do cotidiano. Não se pode negar os esforços de fazer da escola um ambiente interdisciplinar, fazendo parte do que Santos (2004, p. 59) chama de “Paradigma Emergente”, também chamado de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”. No “Paradigma Emergente” a dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais passa a ser superada. Nesse paradigma que se apresenta busca-se romper as amarras da ciência clássica, do positivismo.

É nesse “Paradigma Emergente” que se busca transcender as complexidades da formação da vida, na qual é possível relacionar o particular com todo o resto e o homem visto como parte integrante da natureza. Nessa nova visão mundo, impulsionada pelos avanços e conquistas do “Paradigma Dominante”, cresce uma nova forma de ver a

ciência, um novo paradigma está brotando, no qual todo conhecimento científico-natural é científico-social e parte do local para o todo, na busca de um autoconhecimento.

Faz-se urgente então, um esforço necessário para forjar ambientes capazes de conduzir a humanidade ao pensamento interdisciplinar, que possibilite uma reflexão mais ampla sobre os problemas da vida no planeta e busque soluções, percebendo que as soluções estão relacionadas às diversas formas de conhecer.

Rádio livre: lugar de debate e mobilização social

Por volta dos anos 60, a Europa vivia um movimento forte para manter-se entre as potências econômicas, política e militar. Valendo ressaltar que uma minoria se mantinha às margens desse esforço. Sobre isso, Felix Guattari se refere no prefácio do livro *Rádio Livre uma reforma no ar* como um “congelamento social, político e cultura, para não dizer uma onda de glaciação”. (MACHADO, 1986, p. 9).

As pessoas lutavam por suas demandas locais, como emprego e renda, moradia e alimentação, saúde e oportunidades. Essa minoria e sofredora parte da população já não dava, conforme Machado (1986, p. 10), “credibilidade aos métodos políticos absolutos e corporativos dos velhos partidos e sindicatos de esquerdas”.

Uma alternativa para o povo foi se apropriar do rádio e usar esse espaço como meio de luta e mobilização. Foram “nas ondas do rádio” que se discutiam problemas e levantavam soluções, conclamavam debates populares e postulavam saídas para as crises. O espaço do rádio usado de forma livre e autêntica, longe da dominação dos governos, partidos políticos e empresários do ramo. A rádio do povo, feito pelo cidadão, e mantida por doações e improvisos dos grupos a ela ligados.

A história de “rádio livre” teve seu início na Itália com a rádio Alice, conforme Figueiredo (2015), a “rádio Alice brilho de 1976-1977, quando foi brutalmente reprimida pelo governo comunista de Bolonha”. Mas, o brilho de Alice foi espalhado pelo mundo com sua queda e desde então, milhares de “Alices” ocupam o *espectro*, conduzindo por onda eletromagnética muita informação, educação popular, muita luta e resistência contra o sistema que oprime e explora o povo mais pobre e desprovido de justiça social. Para Figueiredo (2017, p. 4) “a principal característica de uma ‘rádio



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



livre' é que ela não é e nem pretende ser profissional, e tem como objetivo facilitar a liberdade de expressão do maior número possível de pessoas". Dessa forma, movimentos sociais, geralmente "esquerdistas" como destaca Machado (1986, p. 11), mas também movimento de mulheres, estudantes, operários, associação de moradores entre outros, usam a "rádio livre" para se expressar, unir os cidadãos e articular soluções para suas demandas.

O Movimento de Rádio Livre se torna na América Latina um espaço de fortalecimento das lutas populares ligadas às Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's), fortemente influenciada pela Teologia da Libertação, tornando-se mais uma tática do povo sofredor na luta por garantia de direitos. Mas, temendo a repressão à "rádio livre" ocorrida na Itália e em outras partes do mundo, as "rádios livres" foram recebidas com certo receio Brasil, medo de que elas se tornassem o pretexto para uma reação ainda mais violenta por parte do governo aos movimentos sociais que reivindicavam mais direitos nas relações sociais. O governo ainda hoje reprime as "rádios livres" e tentar controlar o espectro de distribuição de faixas de frequências das ondas eletromagnéticas no ar, com o objetivo de reprimir o surgimento de rádios o governo brasileiro faz concessão para a instalação e funcionamento de rádios, a maioria dessas, conforme Machado (1986) é do tipo "comercial", que visa a venda de produtos e aumento de seu capital.

A prática de "rádio livre" se tornou presente em Tefé/AM por volta de 2005, com a instalação da rádio Xibé; inicialmente seu coletivo era formado por acadêmicos e docentes do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST). Eles realizaram muitos encontros, oficinas de construção de mini transmissores em Frequência Modulada (FM), transmissão de eventos do CEST, audiências públicas, mobilização de atividades, parcerias com momentos sociais e uma programação bem sistemática no ano de 2010, ano em que da sala do Diretório Regional dos Estudantes do CEST a Xibé transmitiu sua programação.

Foi em 2010 que a Xibé contou com a participação de um grupo de jovens da Escola Estadual Getúlio Vargas, do Bairro do Abial, em Tefé/AM. Eles mantiveram no ar um programa próprio, que trazia junto a Xibé suas demandas, suas dores e clamores,



seus sonhos e utopias. Esse programa tinha como líderes Márcia Pinheiro e Lucas Ramos, jovens militantes estudantes secundaristas da Escola Getúlio Vargas, o programa que eles apresentavam chamava-se: “*Nas Batidas da Samaúma*”.

A Interdisciplinaridade “Nas Batidas da Samaúma” pelas ondas da Rádio Xibé

O relato a seguir é resultado de uma entrevista concedida e autorizada por Márcia Cunha Pinheiro ao prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo, no dia 23 de abril de 2013. Nessa entrevista ela fala de sua história de vida e da experiência na rádio Xibé. Aqui será revelado e analisado sua participação no programa *Nas Batidas da Samaúma*, transmitido pela rádio Xibé no ano de 2010. O entrevistador conduz o encontro com Márcia Cunha Pinheiro de forma livre e descontraída, o ambiente é a casa do entrevistador, a entrevista tem duração de aproximadamente 50 minutos. Nela Márcia conta fatos de sua vida, sua militância estudantil e sua experiência no projeto Pescadores de Notícias e na apresentação do programa *Nas Batidas da Samaúma*, transmitido pela rádio Xibé.

O programa na Xibé é resultado de um processo estabelecido desde o Projeto Pescadores de Notícias, ele foi desenvolvido na Escola Estadual Getúlio Vargas e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), coordenado pelo professor Feliciano Parente e professora Maria de Fátima. Nesse projeto os alunos bolsistas pesquisavam sobre temáticas do bairro, como moradia, produção e destino do lixo, gravidez na adolescência, alcoolismo, saúde pública e meio ambiente. Os estudantes pesquisavam as temáticas na comunidade e estudavam na escola com orientação dos coordenadores as demandas da comunidade. Toda essa mobilização se materializava em um jornal impresso que eles confeccionavam.

Assim, os professores coordenadores do projeto envolviam os estudantes em um espaço de construção do conhecimento, a partir da escola, mas não em atividade convencional, isso acontecia fora do tempo de aula formal, fora da matriz curricular. Dessa forma os coordenadores criam um ambiente interdisciplinar, o que Thiesen (2008) exorta a todos em A Interdisciplinaridade como um Movimento Articulador no Processo Ensino-Aprendizagem.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



É no “*Pescadores de Notícias*” que os estudantes podem compreender a relação entre o consumismo e a produção do lixo, eles identificaram uma quantidade muito grande de lixo jogados nas ruas e no barranco próximo à escola, lixo que voltaria às ruas do bairro com a cheia do rio. Os estudantes também percebem que o lixo do bairro não é recolhido pela administração municipal. É vendo a rede complexa da produção e destinos do lixo do bairro do Abial que os estudantes e a comunidade podem analisar a temática de forma mais ampla, debatendo e buscando soluções para as mazelas que afetam a população. Uma boa alternativa ao convite de Capra (1995) na formulação de uma “Ecologia Profunda”, pois é no projeto que os estudantes se apropriam de informações e produzem conhecimento junto com a comunidade de forma interdisciplinar, em sua complexidade, percebendo as relações existentes entre o consumismo, descarte de lixo, saúde pública, responsabilidade do governo municipal no recolhimento do lixo e os impactos ambientais e sociais do acúmulo do lixo no bairro.

Foi nessa dinâmica de pesquisa e debates sobre as demandas sociais do bairro do Abial, que os estudantes do Projeto Pescadores de Notícias tiveram oportunidade de refletir sobre as problemáticas da comunidade de forma mais ampla e complexa. As discussões tomaram uma proporção tão grande que já não cabia no projeto inicial. Os estudantes queriam ampliar essa ação e chegar a cada vez mais às pessoas e encontraram isso na rádio Xibé. Ao conhecer alguns membros da rádio Xibé, Márcia Cunha Pinheiro teve o primeiro contato com o Movimento de Rádio Livre. Ela sempre gostou de jornalismo, pois desde criança era acostumada a ver na TV, jornais com seu pai, e viu na oportunidade de participar da Xibé uma chance de fazer algo que sempre lhe chamou a atenção. Mas, ela sempre traçou críticas às rádios comerciais, pois ela acreditava que toda rádio “deveria ser um espaço democrático na participação, lugar de discussão e transmissão de informações”. Ela quer participar de uma rádio. Mas, não qualquer rádio.

Os primeiros encontros entre a equipe do Projeto Pescadores de Notícias e o coletivo da Xibé aconteceram na Escola Estadual Getúlio Vargas, no bairro do Abial. Pela manhã aconteciam leituras de temas diversos, inclusive sobre a história de “rádio livre” e exibição de vídeos sobre “rádio livre” e democratização dos meios de

comunicação, já à tarde, acontecia instalação do transmissor da rádio Xibé e oficina de comunicação. O processo estabelecido nos encontros entre *Pescadores de Notícias* e *Xibé* é um processo educativo emancipador, baseado em uma relação horizontal e fundada na troca de experiências. Na leitura e reflexão dos textos os conhecimentos são construídos e partilhados nos debates, nesse momento os participantes se apropriam de informações que impulsionam e fundamentam as ações, debatem temáticas relacionadas às demandas sociais e veem no movimento de “rádio livre” um meio de potencializar a prática na militância estudantil e social no bairro.

Na instalação do transmissor da Xibé, os alunos têm a oportunidade de conhecer os componentes que a fazem, eles aprenderam como instalar um transmissor de rádio por meio da teoria e prática. Nesse momento os estudantes se apropriam do uso de tecnologias da informação, do uso do rádio, e reinventam essa prática em favor de sua militância, para Certeau (1994, p. 46) eles fazem “bricolagem”, que vem a ser o reemprego das estruturas de comunicação dominante, por parte dos movimentos sociais em sua ação. Os estudantes fazem “bricolagem” ao se apropriarem das informações, instalação do transmissor e uso do rádio, fazendo isso conforme sua necessidade, desenvolvendo “táticas” na reinvenção da comunicação radiofônica no bairro do Abial. É nesse ambiente que uma prática interdisciplinar acontece, os estudantes e o coletivo da Xibé aprendem juntos e ao mesmo tempo, tudo que precisam.

A capacidade de aprender tudo o que quiser já é discutida por Rancière (2015), para ele todas as pessoas têm inteligência igual e podem aprender e ensinar o que ignoram, assim eles aprendem juntos e ao mesmo tempo desenvolvem uma modo próprio de fazer sua prática no rádio, pela motivação e interesse. Nesse sentido, a vontade é o ponto de partida para a aprendizagem, para Rancière, “Há uma vontade que rege e uma inteligência que obedece. Chamemos de *atenção* o ato que faz agir essa inteligência sob a coerção absoluta de uma vontade”. (RANCIÈRE 2015, p. 46).

Márcia Cunha Pinheiro define os meses em que participou dos encontros entre o grupo do projeto Pescadores de Notícias e o coletivo da rádio Xibé dessa forma:

A época das atividades na rádio livre foi um momento muito importante. Uma época gostosa da vida. Um laço entre amigos. Foi um privilégio em participar. A interação na programação do rádio foi maravilhosa. Gosto



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



muito de comunicação, está bem informada gera boas conversas. (Márcia Cunha Pinheiro. Entrevista em 23/04/2013).

Assim, Márcia guarda na memória boas recordações da experiência vivida na rádio Xibé. Um lugar de amizade, descontração, integração entre os envolvidos. É na experiência na rádio Xibé que ele amplia seu pensamento crítico frente aos problemas do bairro onde ela morava e conseguiu estimular um debate mais amplo com os moradores. E foi nesse contexto de interação com o coletivo da Xibé, que os estudantes participantes do Projeto Pescadores de Notícias buscavam analisar a realidade social e ambiental no Bairro do Abial, durante a programação na rádio Xibé, os moradores eram envolvidos nas discussões dos assuntos do bairro, eles ligavam para o celular da Márcia e falavam sobre o tema do programas ao vivo. Entre as diversas temáticas que foram discutidas no programa de rádio na escola, destacam-se os assuntos relacionados à orientação sexual, gênero e meio ambiente, o tema mais discutido.

Então os estudantes debatiam com os moradores por meio das ondas da rádio Xibé, os assuntos relevantes da comunidade. Por meio do programa que os estudantes apresentavam, os assuntos eram discutidos de forma ampla e interdisciplinar, eles estabeleciam as conexões entre as temáticas, visando uma percepção ampla, percebendo que as melhorias na qualidade de vida passa pelo comprometimento da sociedade na construção de boas práticas, mais também na luta por mais participação do poder público municipal na efetivação de políticas públicas e mais justiça social.

Foi no programa de rádio na escola que a ação dos estudantes pode chegar a um número maior de pessoas. Esse foi o fato que conduziu grupo ter se inclinado ao Movimento de Rádio Livre, pois o bairro é grande e com muitas famílias, e o uso do jornal impresso que eles faziam no *Pescadores de Notícias* tinha custo elevado e atingir poucas famílias, já com o rádio instalado na escola e sintonizado pelos moradores em diversos aparelhos, seja rádio receptor comum ou em celulares, os estudantes atingiam um número grande de moradores.

Além da participação por meio de ligação telefônica, os moradores participavam por meio de gravação de entrevistas. Nas entrevistas os moradores apresentavam suas

reivindicações e suas sugestões para os problemas relacionados às temáticas abordadas, sobre essa participação dos moradores do bairro Márcia afirmar:

A rádio mostrou que o bairro todo estava buscando melhorias. Além disso, foi realizado um abaixo assinado. O prefeito chamou a equipe e articulou a coleta do lixo no bairro. Com a gravação dos programas o prefeito se convenceu e deu certo. (Márcia Cunha Pinheiro. Entrevista em 23/04/2013)

Para Márcia, a repercussão do programa sobre o lixo e seus problemas no bairro foi preponderante para que a equipe fosse atendida pelo prefeito. O problema da produção e destino do lixo é muito antigo no bairro, mais nunca tinha sido tomada posição para tentar resolver. Como o bairro se torna uma ilha na época da cheia do rio, o lixo produzido no bairro não era recolhido pela prefeitura. E foi somente com a ampla discussão no programa no rádio sobre o lixo e seus problemas no bairro que a moradores puderam exigir uma solução mais eficiente e a administração municipal pode atender as demandas dos moradores.

Os estudantes transformaram o modo de fazer rádio, eles permitiam que vários moradores do bairro participassem da programação, um espaço de discussão interdisciplinar dos problemas do bairro transmitidos pela rádio, sem contar que os moradores podiam ligar e participar ao vivo. Foi dessa forma que os estudantes pretendiam fortalecer as lutas por melhorias na qualidade de vida para os moradores do bairro, a bricolagem de Certau (2015).

As experiências na rádio Xibé em parceria com o *Projeto Pescadores de Notícias* conduziram os estudantes a criarem o seu próprio coletivo, por eles chamada de “Voz da Ilha”, pois os participantes estavam super empolgados em trabalhar no rádio. A rádio sempre entrava no ar aos domingos e a comunidade era chamada a participar e muitas pessoas respondiam positivamente esse chamado, dá opiniões sobre o bairro, à cidade, denúncias, políticas, esportes eram os assuntos mais comuns.

Como essa experiência na escola, a equipe de alunos do Projeto Pescadores de Notícias foi convidada a ter um programa na rádio Xibé, a partir das instalações do Centro de Estudos Superiores de Tefé. Nessa fase, a equipe manteve o mesmo estilo de programa, debatendo os temas, mas agora em um nível mais amplo, refletindo temáticas



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



em uma perspectiva municipal, dialogando com os demais bairros da cidade. Agora a equipe começou a pensar em um nome para o programa e ao saber que as batidas na Samaúma eram usadas como um tipo de comunicação entre pessoas na floresta, eles decidiram em colocar o nome do programa de: *Nas batidas da Samaúma*. Samaúma (*Ceiba pentrandia*) é uma árvore presente na floresta Amazônica, muito grande e frondosa, possui tronco bem peculiar no qual se pode bater e produzir um som forte que é usado como orientação para aqueles que produzem e escutam.

A equipe sempre se reunia preparar o programa, sempre discutiam temáticas diversas, tendo como ponto de partida e experiência empírica à luz da teoria, para isso as leituras eram indispensáveis. Na programação, as falas das pessoas, as opiniões eram destaques, era prioridade, nisso era destacados assuntos relevantes para a sociedade, principalmente Política Pública. Pois, a equipe percebia que ao falar de Políticas Públicas poderiam inserir diversas temáticas. Políticas Públicas se torna para eles a temática central, o eixo no qual, vários assuntos poderiam entrar em pauta, várias temáticas poderiam ser relacionadas e se interrelacionar, um tema interdisciplinar.

Assim, “*Nas Batidas da Samaúma*” se tornou um programa da rádio Xibé, e manteve um espaço na programação semanalmente. Um lugar de estudos e debates com a sociedade sobre as temáticas de interesse dos moradores, os quais participavam na elucidação de demandas, mazelas e soluções. O debate sempre trazia muita informação ao ouvinte, uma informação interdisciplinar, pois os estudantes apresentavam a vida em sua complexidade, relacionando diversas temáticas como meio ambiente, saúde, educação, moradia, sexualidade, gênero e produção e destino do lixo.

Os estudantes se apropriaram da rádio Xibé, das oficinas, das técnicas de construção de mini transmissores, das leituras dos textos para fortalecer sua militância estudantil e posteriormente sua militância social. O debate não se limitava somente a equipe, mas se estendia aos moradores do bairro do Abial e posteriormente a sociedade tefeense.



Considerações finais

Pertencente ao Movimento de Rádio livre, a Rádio Xibé manteve em sua programação o Programa Nas Batidas da Samaúma, feito por jovens estudantes secundaristas. Eles com mantiveram no ar uma programa interdisciplinar, pois foram capazes de discutir diversas temáticas em uma visão holística da realidade, refletindo em várias perspectivas os problemas sociais que assolam o cidadão.

Por meio de leitura de textos, debates e apresentação desse programa, os estudantes, liderados por Márcia Cunha Pinheiro, fizeram “*nas batidas da samaúma*”, um verdadeiro espaço de luta e resistência do movimento estudantil e comunitário. Os jovens estudantes tornam o rádio um ambiente de ensino e aprendizagem em uma dimensão interdisciplinar, pois foram capazes de unir teorias de varias disciplinas para compreender e intervir na realidade, buscando em todos os momentos a melhoria da qualidade de vida do cidadão tefeense.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACHADO, Arlindo. **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAPPRA, Fitjof. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

FIGUEIREDO, **Inventando autonomias no Médio Solimões: uma etnografia dialógica da rádio Xibé e suas redes**. Rio de Janeiro, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lílian do Valle. Belo horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Cortez Editora. São Paulo. 2004.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 39 set./dez. 2008